

LUANDA, PRECISÃO DO OLHAR E CANIBALISMO: GEORG MARCGRAVE E A HISTÓRIA DO ATLÂNTICO SUL

INEKE PHAF-RHEINBERGER*

Tradução de
Luciano Dutra de Oliveira**

RESUMO

O objetivo deste artigo é em primeiro lugar reconstruir alguns aspectos históricos da vida e morte de George Marcgrave no contexto do “período holandês” no Atlântico Sul. Por que ele foi ao Brasil e morreu na Angola em Janeiro de 1644? As experiências além-mar de Marcgrave serão enquadradas no âmbito do desenvolvimento dinâmico da precisão do olhar e conectadas ao seu talento como ilustrador de história natural. Isto posto, investigarei a relação de Marcgrave com a imagem do canibalismo, relacionada ao inventário dos arquivos de *naturalia* e *artificialia*, que precederam as ciências modernas e, simultaneamente, repousam em sua base.

PALAVRAS-CHAVE: George Marcgrave; Brasil e Angola; canibalismo.

ABSTRACT

The purpose of this contribution is, first, to reconstruct some historical aspects of George Marcgrave's live and death in the context of the “Dutch period” in the South Atlantic. Why did he go to Brazil and died in Angola in January of 1644? Marcgrave's overseas experiences will be framed within the dynamic development of optical precision and connected with his talents as an illustrator of natural history. Then, as a last issue, I will inquire into Marcgrave's relationship with the trope of cannibalism, related to the inventory of the *naturalia* and *artificialia* cabinets, which preceded modern sciences and, simultaneously, lay at their base.

KEYWORDS: George Marcgrave; Brazil and Angola; cannibalism.

LUANDA COMO PONTO DE CHEGADA

Georg Marcgrave morreu em Luanda de uma doença tropical com 33 anos. Em um relatório para a Sociedade Saxã da Ciência de 1896, V. Hantsch nos informa que Marcgrave tinha ido primeiramente para São Jorge da Mina e depois para São Tomé antes de chegar a Luanda. Ele continua dizendo que, depois de ter esboçado um plano da cidade e seus arredores, os quais enviou ao seu antigo empregador Conde Johan Maurits van Nassau, Marcgrave morreu sem deixar qualquer imagem de si mesmo ou uma sepultura.

O relatório de Hantsch, baseado no livro de Christian Marcgrave sobre seu irmão, é citado por Josef Hebeda (2006) em seu ensaio sobre George. Hebeda também menciona muitas novas publicações e lamenta que ninguém tenha escrito uma biografia de Marcgrave, que viveu uma vida errante. Ele deixou sua cidade natal, Liebstadt, em 1627 para estudar nas universidades de Wittenberg, Estrasburgo, Basileia, Ingolstadt (Erlangen), Altdorf (Erfurt), Leipzig, Greifswald, Rostock e Stettin. Chegou então em Leiden em 1635, de onde partiu para Recife em 1637. Ficou em Pernambuco até 1643 e estima-se que a casa de Marcgrave no Brasil foi sua mais longa residência em um lugar depois de deixar sua cidade natal.

A morte de Marcgrave em Angola é amplamente discutida. Em seu ensaio *Georg Marcgrave, um astrônomo no Novo Mundo*, J. J. North supõe que Marcgrave¹ estava esperando retornar de Recife para a Holanda. Mas, esses planos haviam sido mudados e ele foi "*enviado para Angola inesperadamente*".² North continua, argumentando que:

Na verdade, a colônia africana recém-conquistada (1641), no centro do que era São Paulo de Loanda, foi de grande importância estratégica para a empresa brasileira. Era um centro escravista, uma aquisição do que tinha a um só golpe reforçado a economia holandesa no Brasil e enfraquecido a da América espanhola.³

North argumenta que o Conde Johan Maurits tinha planos para Angola, para os quais ele pensou que a presença de Marcgrave lhe seria útil. Peter Whitehead também comenta a morte de Marcgrave em Luanda em seu ensaio *Georg Marcgrave e a Zoologia Brasileira*.⁴ Ele cita uma carta do conde e do conselho

em Recife, dirigida aos diretores holandeses em Luanda, datado de 14 de Agosto 1643: “recomendamos que você dê à pessoa de Georg Marcgrave toda a ajuda e favor desde que o enviemos para fazer uma pertinente descrição e mapa destas terras” .⁵

Até então, Marcgrave deveria saber de sua partida iminente. Klaas Ratelband dá informações mais detalhadas sobre os antecedentes deste assunto em seu estudo *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650. Angola, Kongo and São Tomé*.⁶ Ele menciona que Marcgrave partiu no *Brack* do Recife, em 20 de agosto de 1643:

A bordo estava o geógrafo, astrônomo e naturalista Georg Marcgrave, que havia recebido a tarefa de fazer uma “descrição pertinente e mapa destes quarteirões” e estudar a situação da saúde (em carta do condado e do conselho de diretores em Angola, de 14 de agosto).⁷

Ratelband continua, afirmando que, depois de uma curta parada em São Tomé para entregar comida e armas, o *Brack* chegou a Luanda em meados de novembro. Apenas um mês e meio se passaram antes de Marcgrave morrer nos primeiros dias de janeiro de 1644. O relato de Ratelband é cheio de detalhes específicos. Ele havia trabalhado como aprendiz de negócios na Câmara Sul-Africana de Comércio (Zuid-Afrikaans Handelshuis) em Amsterdam. Esta empresa tinha vários estabelecimentos em Portugal e nas colônias portuguesas da África (Casa Holandesa). Ratelband especializou-se em Angola, onde viveu por um período mais longo. Frequentemente viajava, acompanhado por um assistente local e uma equipe de carregadores, pelo interior do país e aprendeu os dialetos e costumes comerciais locais. Ele também viajou em barcos entre assentamentos na costa, onde trocava ou vendia seus produtos.

Ratelband também relata que, quando veio a Angola, foi surpreendido com a celebração entusiasmada em todo 15 agosto, em comemoração a capitulação dos holandeses em 15 de agosto de 1648. Ele nunca tinha ouvido falar sobre este evento na Holanda e que, portanto, começou a estudar a relação entre a sua pátria e a África Ocidental no século XVII. Consultou arquivos públicos e privados e bibliotecas em Angola, Portugal, Brasil e Holanda. Quando ele foi forçado a permanecer na Holanda durante a Segunda Guerra Mundial, começou a escrever seu livro e continuou depois de voltar a Luanda no pós-1945. Ratelband foi então nomeado o diretor da Casa Holandesa e se

aposentou em 1969. No entanto, ele não publicou seu livro durante sua vida, mas postumamente.⁸

Ratelband, portanto, pode ser considerado como um pesquisador cuidadoso e experiente, mesmo que seu trabalho seja "*relativamente 'bruto' à luz dos recentes estudos africanistas*".⁹ É interessante recordar a sua descrição da situação entre Pernambuco e Angola no momento em que Marcgrave chegou a Luanda. Os holandeses haviam ocupado Angola – um território Português desde 1641, razão pela qual os portugueses fugiram para o interior. O acampamento no rio Bengo foi atacado em 17 de maio de 1643, cujo ataque os holandeses tiveram muitas dificuldades para encontrar soldados suficientes para este plano, devido à precariedade da saúde local. Após o ataque, eles retornaram imediatamente para Luanda com seus prisioneiros, enviando-os para o Brasil com o primeiro navio disponível o mais rápido que podiam, em 27 de Maio. Os administradores em Luanda informaram os diretores da Companhia das Índias Ocidentais (WIC) em Amsterdam que os holandeses não tinham roubado nada de importante, o que estava longe de ser verdade. Mas não só os holandeses tinham roubado os portugueses, alguns dias mais tarde também os nativos de Angola saquearam as propriedades dos Jesuítas, não muito longe do Bengo. Eles trouxeram os despojos preciosos para seu governador que representava o rei do Congo na Ilha de Luanda, que vendeu os objetos para os holandeses. Por sua vez, os holandeses os enviaram a Pernambuco em 10 de junho de 1643 por questões de segurança.

Quando os 170 prisioneiros portugueses chegaram a Pernambuco, duas semanas depois em 27 de junho, estavam em péssimo estado depois de uma viagem horrível em um pequeno iate precariamente equipado. A chegada e os rumores sobre os acontecimentos em Angola colocaram o governador, o Conde Johan Maurits (1637-1644), em uma difícil posição, porque quebrar a paz com os portugueses em Angola faria com que os portugueses no Brasil achassem que os holandeses fariam o mesmo em Pernambuco. Os portugueses eram muito sensíveis a este ponto, porque tinham acabado de se tornar independentes em 1640, depois de terem sido unidos a Espanha por 60 anos. Os portugueses no Brasil viram o governo holandês no Brasil e Angola como uma unidade, como era o caso em seu próprio sistema administrativo. Eles não

sabiam que o WIC recusou um pedido do conde a este respeito. O WIC via a administração das duas regiões separadamente. Por isso, sendo dependente dos escravos de Luanda, Ratelband nos informa: “*Para o conde e seus conselheiros, Angola era o maior problema*”.¹⁰ Eles queriam a paz com os portugueses e escreveu a Luanda que era urgente restaurar a paz e viver em amizade com os portugueses.

Esta carta viajou para Luanda no mesmo navio em que Marcgrave havia embarcado em 20 de agosto de 1643, o *Brack*, e sua chegada em meados de novembro causou decepção. Exceto o mapa com as instruções, o *Brack* não trouxe comida, armas e nem medicamentos porque tinham deixado em São Tomé. O diretor holandês de imediato enviou o *Brack* de volta ao Brasil em 08 de dezembro para apresentar um relatório em uma carta sobre a difícil situação e pedir provisões e apoio. Para piorar as coisas, nesse meio tempo o governador português de Angola escapou da prisão em Luanda, disfarçado como um negro, e foi capaz de retornar secretamente para Masangano, a fortaleza portuguesa no interior. Com a volta de um inimigo tão capaz, a posição dos holandeses se tornou seriamente enfraquecida. Dentro deste contexto, a chegada e morte de Marcgrave em Luanda marcam um momento crucial.

A PRECISÃO DO OLHAR

Mapas e vistas urbanas de Luanda e Recife eram freqüentemente publicadas na Holanda para possibilitar o controle do avanço das conquistas holandesas no exterior. No entanto, olhando para além destes eventos políticos, esta documentação visual corre em paralelo com a revolução do olhar no século XVII. Em seu livro amplamente discutido *A arte de descrever. Arte holandesa no século XVII*, Svetlana Alpers elucida a forma como a precisão da arte holandesa foi desenvolvida nos Países Baixos. O desenvolvimento da tecnologia do olhar em Medicina (microscópio), pintura (câmara escura) e ciências naturais (lentes e telescópio) alargou o horizonte e novos aspectos do mundo se tornaram visíveis. Alpers chama a atenção para a importante influência de Friedrich Johannes Kepler (1571-1630) neste processo. Seu lema *Ut pictura, ita visio*, ou “o

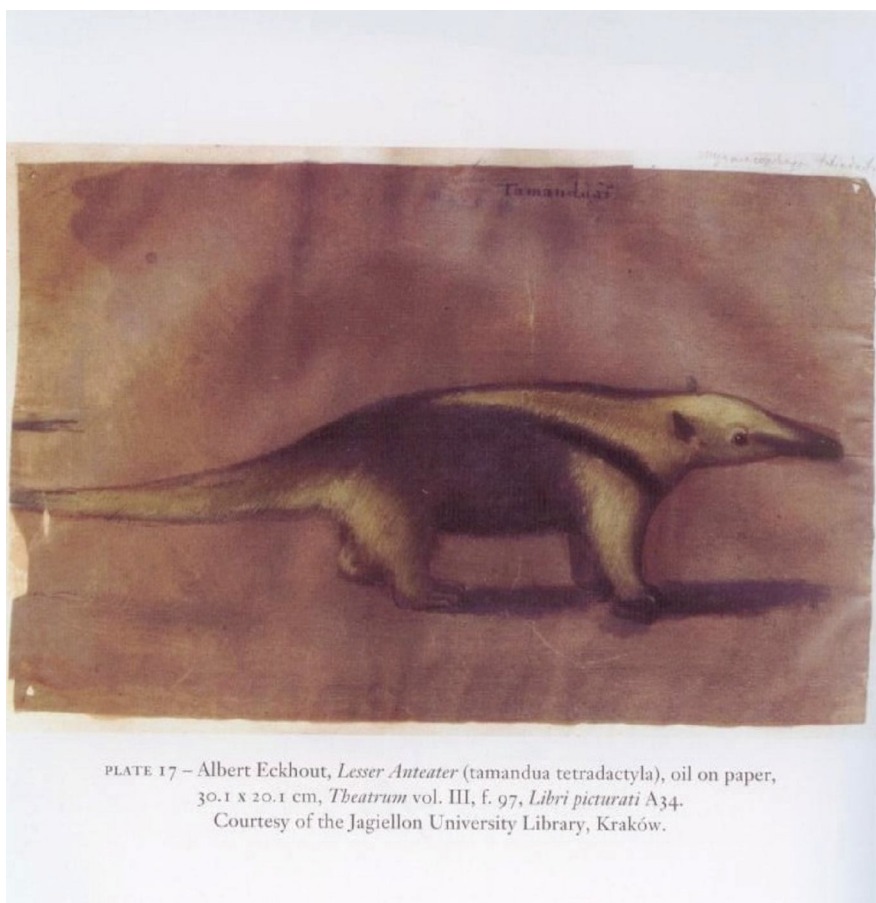
olhar é como uma pintura", simboliza a importância da visualização da medição, para a qual é necessário o prévio conhecimento da matemática.

Sendo um astrônomo, Marcgrave estava no centro dessa inovadora evolução visual. North menciona que ele encontrou um manuscrito na Leiden University Library, que - além de alguns parâmetros solares - continha o que parecia ser uma lista de livros de Marcgrave e gráficos em um rascunho precariamente legível. North deduz de sua leitura que o manuscrito seria composto por alusões ao *Epitome Astronomiae Copernicanae* de Kepler (em três partes - 1618, 1620, 1621), talvez o livro astronômico mais lido da época, e ao *Tabulae Rudolphinae* (1627). North refere-se várias vezes a Kepler em relação a Marcgrave¹¹ e lembra que Marcgrave não foi apenas um astrônomo e físico, mas também interessado em história natural. O famoso mapa de Marcgrave do nordeste do Brasil, publicado por Johannes Blaeu em Amsterdam em 1647, fornece uma grande variedade de informações, não só sobre as dimensões geográficas, mas por meio das ilustrações dos pintores Frans Post e Albert Eckhout, também sobre fauna, flora, modos de produção e população.

Post, Eckhout e Marcgrave estavam todos a serviço do conde no Brasil. Marcgrave mesmo tinha recebido aulas de pintura em Liebstadt antes de começar a sua vida errante. Rebecca Parker Brien, a biógrafa de Eckhout, observa que era muito difícil distinguir o que era arte e o que era ciência nesse período. Em seu livro *Visions of Savage Paradise. Albert Eckhout, Court Painter in Colonial Dutch Brazil*,¹² ela compara as ilustrações de Eckhout sobre história natural com as de Marcgrave. Ambas ocasionalmente mostravam as mesmas espécimes de animais brasileiros e africanos da coleção do conde; os desenhos foram reproduzidos no *Theatrum* e no *Handbooks*. Parker Brien observa que esses desenhos apresentam enormes diferenças, não só no tamanho e nos meios, mas também no estilo e no modo pictórico. Ela dá o exemplo de duas placas em que cada uma mostra um tamanduá.

Ambas as imagens incluem as mesmas informações básicas sobre a cor e forma do animal. Mas Parker Brien argumenta que a técnica e o grande porte da pintura de Eckhout produzem um impacto muito mais dinâmico e visual do que a obra pequena, plana e linear de Marcgrave. O tamanduá de Eckhout é maior e mais dinâmico. Ele está à beira de sair da tela e agita sua língua

vermelha para fora na frente dele, enquanto a representação de Marcgrave é mais estática, sem mostrar qualquer movimento. O status do seu desenho é reforçado pela descrição manuscrita, que diz: "*uma espécie de tamanduã pequeno, do tamanho de um texugo. Eles sobem em árvores e penduram-se nos galhos pelas caudas*".¹³



Quadro 17 – Albert Eckhout, *Lesser Anteater*, ca. 1640, óleo sobre papel, 31,1 x 20,1 cm (Parker Brienen 224, 286).

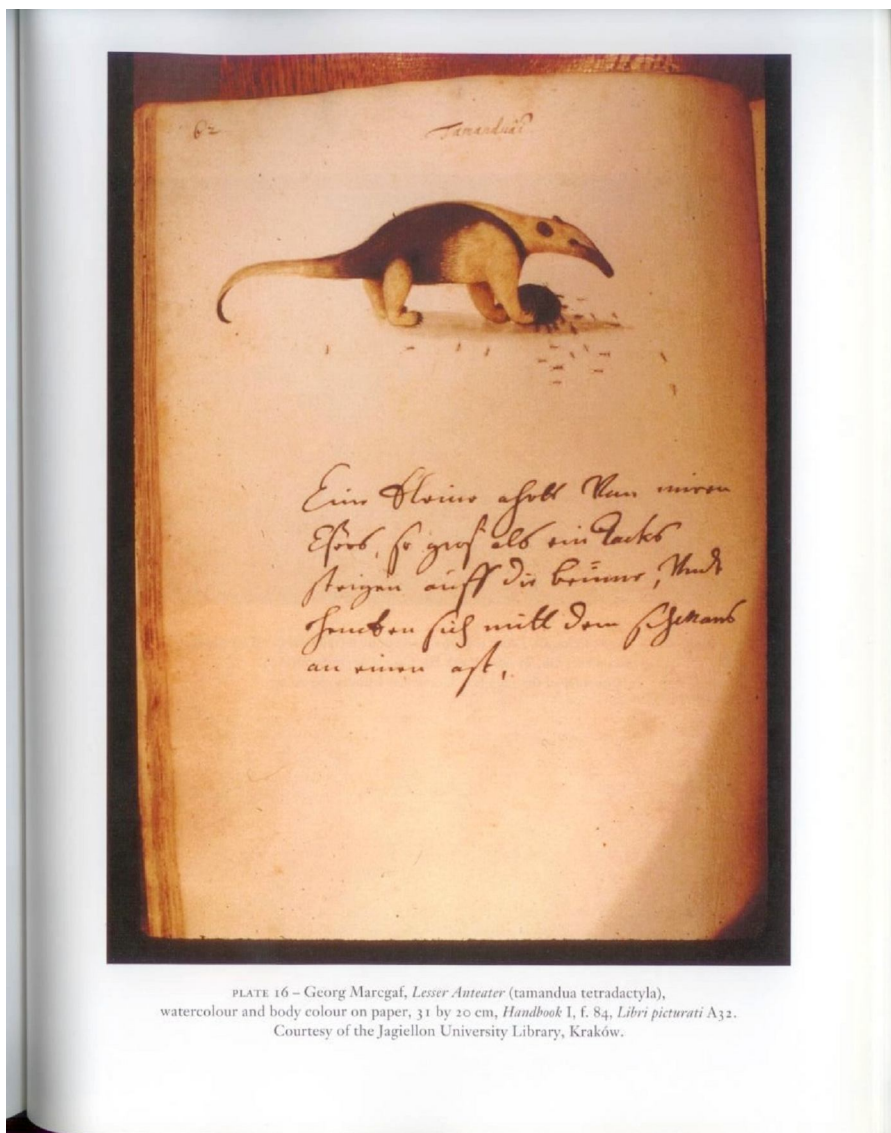


PLATE 16 – Georg Marcgraf, *Lesser Anteater* (tamandua tetradactyla), watercolour and body colour on paper, 31 by 20 cm, *Handbook I*, f. 84, *Libri picturati* A32. Courtesy of the Jagiellon University Library, Kraków.

Quadro 16 – Georg Marcgrave, *Lesser Anteater*, ca. 1640, aquarela e guache sobre papel, 31 x 20 cm, *Handbook I*, f. 84 (Parker Brienen 224, 286).

É óbvio que o estudo em óleo de Eckhout e a aquarela de Marcgrave pertencem a diferentes tradições visuais. Eckhout emprega o vocabulário dinâmico e naturalista de um pintor holandês de natureza morta do século

XVII, enquanto Marcgrave segue o estilo descritivo e clássico da observação científica.

CANIBALISMO E AS CIÊNCIAS HUMANAS

Os diferentes estilos artísticos e científicos refletem mais uma vez que o objetivo da expedição brasileira do Conde Johan Maurits é um “*único registro pictórico*” da terra,¹⁴ seus habitantes, a flora e a fauna. Parker Brienen, por sua vez, está interessada em um problema muito específico. Ela questiona a extensão em que os cientistas e artistas se identificaram com os habitantes do “*paraíso selvagem*” e afirma que os habitantes mais selvagens eram os índios antropófagos, os Tapuias, um nome que se refere a muitos grupos diferentes, frequentemente em guerra entre si.

Ernst van den Boogaart – um especialista em Brasil holandês menciona muitas das fontes escritas sobre os Tapuias em seu ensaio *Infernal allies. The Dutch West India Company and the Tarairiu 1630-1654*. Ele enfatiza que os Tapuias (o outro nome para eles é Tarairiu) tornaram-se relativamente bons aliados dos holandeses antes de estes serem expulsos do Brasil em 1654. Contatos com eles existiam desde 1631; os Tapuias participaram da conquista de São Jorge de Mina na costa Oeste Africana em 1637, pouco depois que o conde chegou ao Brasil. Trinta Tapuias acompanharam o conde no caminho de volta do Brasil para a Holanda em 1644, onde realizaram suas danças na Mauritshuis, em Haia no mês de agosto. Depois de receber a confirmação de seu “*status de liberdade*” no final de novembro desse mesmo ano, eles voltaram para o Brasil.

A partir de um manuscrito recém-descoberto de Marcgrave na Leiden University Library, Parker Brienen e van den Boogaart deduziram que Marcgrave também teve experiências pessoais com os Tapuias. Eles sugerem que o manuscrito contém um diário de Marcgrave, durante sua primeira expedição para o interior. Ele partiu em 28 de junho de 1639 do Forte São Sebastião na margem sudeste do rio Ceará e estava de volta ao seu ponto de partida em 06 de Agosto. Marcgrave escreveu uma nota sobre o ataque contra os “selvagens” Tapuias em 20 de Julho na qual relata:

Dos inimigos, 150 foram mortos e de nós 09 brasileiros, 03 mulheres brasileiras e 07 dos nossos Tapuias, mas os nossos tapuias picaram seus mortos em pedaços e os comeram, e tínhamos tomado 50 de seus filhos como prisioneiros que eles solicitaram o seu retorno. Para o qual nós concordamos se eles prometessem que deixariam de guerrear contra o nosso povo e tornarem-se súditos de Sua Excelência.¹⁵

Apesar de Marcgrave mencionar que a expedição partiu com 250 brasileiros, 150 tapuias e 15 brancos, ele não os especifica depois.

Devido a seu conhecimento básico da antropofagia, é interessante observar como os seus colegas Post e Eckhout retratam os Tapuias em suas telas. Parker Brienen dedica um capítulo grande¹⁶ para as imagens de pessoas antropofágicas que surgiram do encontro europeu com as Américas. Portanto, Eckhout já está nesta tradição quando pinta seus oito retratos em óleo da população brasileira. Seus *Mulher Tapuia* e *Homem Tapuia* provavelmente pendurados no palácio Vrijburg do conde em Recife entre os outros quadros dos homens e mulheres africanos, Tupinambá, mulatos e mestiços. Eram todos aliados do conde, para quem eles mereciam ser representados neste centro colonial de poder.¹⁷

Em seu livro *Canibalia. Canibalismo, Calibanismo, antropofagia cultural y consumo en América Latina* (Canibalia. canibalismo, Calibanismo, Antropofagia Cultural e Consumo na América Latina, 2008), Carlos A. Jáuregui também se debruça sobre o canibalismo e reproduz esses mesmos retratos dos tapuias, inserindo o termo “Brasil Holandês” em seu índice analítico no final.¹⁸ Isso é bastante notável, porque a crítica sobre as culturas latino-americanas geralmente não presta atenção às influências holandesas nos territórios de língua ibérica. Como um especialista sobre o Brasil, no entanto, Jáuregui está familiarizado com o registro pictórico do “período holandês” e inclui imagens de Eckhout no seu argumento de que o conceito de canibalismo desestabiliza as múltiplas metáforas do corpo transgredindo a noção de antítese de interno e externo. Em sua opinião, o conceito de canibalismo na América tornou-se sinônimo de monstros e anomalias, que eram tão significativos na pesquisa de história natural que eles se tornaram uma grande preocupação científica e artística.



Quadro 3 – Albert Eckhout, *Tapuya Man*, 1641, óleo sobre tela, 272 x 161 cm (Parker Brienen, 211, 286).



Quadro 2 – Albert Eckhout, *Tapuya Woman*, 1641, óleo sobre tela, 272 x 165 cm, (Parker Brienen 210, 286).

A transgressão do corpo rejeitando as fronteiras do interno e do externo produz o efeito do “*maravilhoso*”, que tem uma longa história na observação científica como documentado em *The Wonders and the Order of Nature, 1150-1750* de Katharine Park e Lorraine Daston. Elas argumentam que a “ordem do maravilhoso” remonta a narrativa de Marco Polo na Ásia e África no século XIII. Os autores escreviam em livros de viagens sobre as deliciosas maravilhas naturais, mas também encontrando “*muito a culpa, especialmente a idolatria e, ocasionalmente, o alegado canibalismo das pessoas que descreviam*”.¹⁹

Jáuregui, por sua vez, discute o canibalismo em conformidade com as ciências humanas. Ele olha para as identidades humanas como um produto de seus processos históricos, que deixaram muitos vestígios. A fim de estudá-los, é necessário compor um inventário para interligá-los e compreendê-los melhor. Jáuregui defende que, ao modelar tal inventário para a história cultural da América Latina, o canibalismo é o palimpsesto mais viável para revelar a continuidade nas culturas humanas.²⁰ Ele demonstra sua hipótese com muitos exemplos do passado e do presente na literatura e na arte ao longo das 700 páginas de seu volume, incluindo a bibliografia e o índice analítico. Ele coloca entre elas os retratos dos Tapuias de Eckhout como pessoas parcamente vestidas, rodeadas pela inexplorada natureza brasileira, contra o alto horizonte de fundo. Esses retratos são muito diferentes das outras representações contemporâneas dos povos antropófagos. Os Tapuias aparecem como indivíduos reais, sem carregar as mesmas características assustadoras, como usado no modo tradicional de representar o canibalismo nas Américas.

Aprendemos a partir de outro livro sobre a história holandesa no Atlântico Sul, *Rerum per octennium in Brasilia* (1647), escrito em latim nesses mesmos anos por Gaspar Barlaeus, que as fontes holandesas forneceram material abundante sobre os costumes e hábitos dos Tapuias. Eles viviam como nômades no nordeste do Brasil sobre um extenso território delimitado pelos rios e eram conhecidos como selvagens indomáveis e muito hostis aos portugueses. Portanto, os holandeses os cortejaram para fazer alianças. Barlaeus descreve sua aparência em detalhes:

Eles são bastante robustos em um número tão grande e se parecem todos entre si. Eles têm um olhar ameaçador e selvagem e cabelos pretos [...] Andam nus e sujos e seus corpos e membros são tão bem desenvolvidos que os holandeses estão cheios de admiração por eles. Devido a um sentimento de vergonha, as mulheres cobrem suas partes com um cinto de folhas, enquanto o resto do corpo permanece descoberto. Todos os dias eles colocam um cinto novo e fresco. Os homens escondem seus órgãos sexuais com tangas feitas de casca de árvore. Eles são todos depilados, incluindo as sobrancelhas. Apenas no topo da sua cabeça eles deixam crescer uma juba longa, não sem orgulho e ostentação.²¹

Barlaeus foi professor da Athenaeum Illustre em Amsterdam e obteve suas informações de conversas pessoais e documentações sem nunca ter ido ao Brasil. Seu livro é ilustrado com muitas gravuras de Frans Post, que também retratou os Tapuias. Post tinha um repertório muito mais variado do que Eckhout, pois era familiarizado com as vistas da cidade, vistas para o mar, as paisagens, a representação da flora e da fauna, batalhas militares e construções arquitetônicas. Devido a suas pinturas, somos informados sobre a recém-construída cidade holandesa de Mauriciópolis em Recife.²² O aspecto espetacular é que Post não separa os Tapuias do mundo urbanizado, mas dá-lhes um lugar dentro da esfera pública – o mercado, a aldeia, o lugar de descanso na floresta, as negociações com os europeus na praia, etc. – quando pinta a reunião dos mais diferentes grupos.²³ Post nunca mostra os Tapuias como canibais como Eckhout indicou em seu retrato *Mulher Tapuya*, mas ele certamente transgride a fronteira do “*maravilhoso*” para a *res publica*, da zona de contato para a dinâmica cívica.

De acordo com Ernst van den Boogaert,²⁴ Post aplicava em seus quadros uma linguagem semelhante à dos alemães Wilhelm Dilich (1571-1655) e Jansz Claesz Visscher (1587-1652), um idioma que incide sobre a *res publica* colocando os cidadãos no centro. As pinturas remetem à ação dos Tapuias na direção da economia e, eventualmente, na ajuda da construção e defesa do país. Elas fazem parte de um projeto político que considerava a arte e a ciência como palco para a representação e como instrumento de poder para regular o bem-estar geral, e esta abordagem dá a maioria dos diferentes grupos que vivem nos trópicos um aspecto familiar ao observador europeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a morte de Marcgrave em Luanda em janeiro 1644 é um marco para enfatizar a conexão no Sul do Atlântico. Chama a atenção para a importância de considerar Recife e Luanda em suas dinâmicas mútuas com a Companhia das Índias Ocidentais e com a Holanda. Esta ligação Atlântico Sul coincidiu com o processo inovador de precisão do olhar, do qual Marcgrave foi um dos representantes mais destacados. Sua montagem do observatório em Recife representou a forma mais avançada de pesquisa astronômica na América naquele momento. Barlaeus escreve que todos os famosos generais romanos costumavam levar os seus astrólogos para a batalha e que o Conde Johan Maurits ordenou a Marcgrave observar o eclipse quase total do sol que ocorreu no final de 1640 no Brasil. Barlaeus explica que ele menciona este eclipse não como um fato excepcional, porque as causas deste fenômeno já eram conhecidas, mas como um presságio feliz para a decadência do poder ibérico e para os planos estratégicos do conde nas Américas. Barlaeus inclui o desenho de George Marcgrave dos diferentes estágios do eclipse em seu livro, porque mostra o rigor científico deste “*astrônomo naquele mundo bárbaro*”.

O mais bárbaro dos povos bárbaros foram os Tapuias e também percebemos que é bem capaz que estes “selvagens” fossem aliados oficiais dos holandeses. A “arte holandesa de descrever” capta este momento de transformação do estado de barbárie à *res publica*. É o oposto do dispositivo canibalista e encontra suas origens no período em que a modernidade do Atlântico Sul é visualizada de acordo com a precisão artística e científica mais avançada. Marcgrave era uma parte integrante deste processo, como espero ter exposto. Sua vida e obra estão inscritos neste período histórico cujas conseqüências de longo prazo estão apenas começando a serem descobertas pela pesquisa histórica recente.

FONTES

ALPERS, Svetlana. *The Art of Describing. Dutch Art in the Seventeenth Century*. London: Penguin Books, 1989.

- BARLAEUS, Gaspar: *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, trad. Cláudio Brandão, pref. Mário G. Ferri. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia editora Ltda., 1974.
- BOOGAART, Ernst van den, H. R. Hoetink & P. J. P. Whitehead: *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679*. The Hague: The Johan van Maurits van Nassau Stichting, 1979.
- BOOGAART, Ernst van den; "Infernal Allies. The Dutch West India Company and the Tarairiu 1630-1654", in Boogaart 1979, pp. 519-538.
- BOOGAART, Ernst van den with Rebecca Parker Brienen: *Information from Ceará from Georg Marcgrave (June-August 1639)*. Petrópolis: Ed. Index, 2002.
- _____. "Brasilien hofieren – Johann Moritz' politisches Projekt sichtbar gemacht", in *Sein Feld war die Welt. Johann Moritz von Nassau-Siegen (1604-1679). Von Siegen über die Niederlande und Brasilien nach Brandenburg*, Gerhard Brunn / Cornelius Neutsch (Hrsg). Münster / New York / München / Berlin: Waxmann 2008, pp. 73-92.
- DASTON, Lorraine & Katharine Park: *The Wonders and the Order of Nature, 1150-1750*. Cambridge: MIT Press, 1998.
- HEBEDA, Josef: *Georg Marcgrave. 29 September 1610 zu Liebstadt bei Prina bis 1644 S. Paulo de Loanda (Niederquinea)*. Dresden: Sächsisch-französisch-böhmischer Verein für Europe e. V., 2006.
- JÁUREGUI, Carlos A.: *Canibalía, Canibalismo, antropofagia cultural y consumo en America Latina*. Madrid – Frankfurt: Iberoamericana – Vervuert, 2008.
- LA FLEUR, J. D.: "Preface", in *Pieter van den Broecke's Journal of Voyages to Cape Verde, Guinea and Angola (1605-1612)*, transl. and ed. By J. D. La Fleur. London: The Hakluyt Society, 2000, pp. XIII-XV.
- LAGO, Bia & Pedro Correa do: *Frans Post (1612-1680). Obra completa*. Recife: Capivari Editora, 2006.
- NORTH, J. D. *Georg Marcgrave. An Astronomer in the New World*. In: Boogaart 1979, p. 394-423.
- PARKER BRIENEN, Rebecca: *Visions of Savage Paradise. Albert Eckhout, Court Painter in Colonial Dutch Brazil*. Amsterdam. Amsterdam UP, 2006.
- PHAF-RHEINBERGER, Ineke: *The 'Air of Liberty'. Narratives of the South Atlantic Past*. Amsterdam & New York: Rodopi, 2008.
- _____. "Science and Art in the 'Dutch Period' in Northeast Brazil: The representation of cannibals and Africans as allies overseas", in *Circumscribe. International Journal for the History of Science* (vol. 7), 2009.
- RATELBAND, Klaas. (1943). *De expeditie van Jol naar Angola en São Thomé 30 Mei 1641 – 31 oct. 1641*. 's Gravenhage: Martinus Nijhoff.
- _____. (2000). *Nederlanders in West-Afrika. 1600-1650. Angola, Kongo en São Tomé*. Zutphen: Walburg Pers.
- _____. (2006) [1959] *De Westafrikaanse reis van Piet Heyn. 1624-1625*. Zutphen: Walburg Pers.
- WHITEHEAD, P. J. P. "Georg Marcgrave and Brazilian Zoology". In: Boogaart 1979: 424-471.

NOTAS

* Ineke Phaf-Rheinberger é doutora em História e coordena os Departamento de Estudos Asiáticos e Africanos da Universidade Humboldt de Berlim. E-mail: phafrhei@cms.hu-berlin.de

Eu gostaria de expressar minha gratidão para com Huib Zuidervaart, diretor do Huygens Institute em The Hague por fornecer-me importantes documentos sobre o assunto.

** Luciano Dutra de Oliveira é cientista social pela Fundação Santo André. E-mail: luciano_dutra@hotmail.com. Traduzido a partir do artigo original em inglês *Luanda, Optical Precision, and Cannibalism – Georg Marcgrave and the History of the South Atlantic*.

¹ NORTH, J. D. *Georg Marcgrave. An Astronomer in the New World*. In: *Boogaart 1979*, p. 394-423.

² *Idem*, p. 404.

³ *Idem*, *Ibid*.

⁴ WHITEHEAD, P. J. P. *Georg Marcgrave and Brazilian Zoology*. In: *Boogaart 1979*: 424-471.

⁵ *Idem*, p. 454.

⁶ RATELBAND, Klaas. *De expeditie van Jol naar Angola en São Thomé 30 Mei 1641 – 31 oct. 1641*. 's Gravenhage: Martinus Nijhoff. 1943.

⁷ *Idem*, p. 201. *Aan boord bevond zich de geograaf, astronoom en natuurkundige Georg Markgraf, die opdracht had een 'pertinente beschrijvinge ende kaerte van die quartiere' te maken en de gezondheidstoestand te bestuderen*.

⁸ Ratelband viveu de 1906 à 1981.

⁹ LA FLEUR, J. D.: "Preface", in *Pieter van den Broecke's Journal of Voyages to Cape Verde, Guinea and Angola (1605-1612)*, transl. and ed. By J. D. La Fleur. London, p. XIV.

¹⁰ RATELBAND, *op. cit.* p. 200. Angola foi voor het graaf en raden zorgenkind.

¹¹ North refere-se várias vezes a Kepler em relação a Marcgrave; NORTH, *op. cit.* p. 399, 412, 406, 411.

¹² BOOGAART, Ernst van den with Rebecca Parker Brienen: *Information from Ceará from Georg Marcgrave (June-August 1639)*. Petrópolis: Ed. Index, 2002.

_____. "Brasilien hofieren – Johann Moritz' politisches Projekt sichtbar gemacht", in *Sein Feld*

war die Welt. Johann Moritz von Nassau-Siegen (1604-1679). Von Siegen über die Niederlande und Brasilien nach Brandenburg, Gerhard Brunn / Cornelius Neutsch (Hrsg). Münster / New York / München / Berlin: Waxmann 2008, pp. 73-92.

¹³ PARKER BRIENEN, *op. cit.* p. 65;

¹⁴ ALPERS, Svetlana. *The Art of Describing. Dutch Art in the Seventeenth Century*. London: Penguin Books, 1989.

¹⁵ PARKER BRIENEN e van den Boogaart, *op. cit.* p. 10.

¹⁶ Capítulo 3 – Canibalizando a America. Do Impulso Etnográfico ao Retrato Etnográfico. PARKER BRIENEN, *op. cit.*, p. 73-93.

¹⁷ PHAF-RHEINBERGER, Ineke. "Science and Art in the 'Dutch Period' in Northeast Brazil: The representation of cannibals and Africans as allies overseas", in *Circumscribere. International Journal for the History of Science* (vol. 7), 2009.

¹⁸ *Idem*, p. 28, 103, 120, 137, 128, 136, 200, 296, 393, 413, 549.

¹⁹ DASTON, Lorraine & Katharine Park: *The Wonders and the Order of Nature, 1150-1750*. Cambridge: MIT Press, 1998. p. 34-35.

²⁰ JÁUREGUI, Carlos A.: *Canibalia, Canibalismo, antropofagia cultural y consumo en America Latina*. Madrid – Frankfurt: Iberoamericana – Vervuert, 2008, p. 23.

²¹ BARLAEUS, Gaspar: *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, trad. Cláudio Brandão, pref. Mário G. Ferri. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia editora Ltda., 1974. p. 268. Tem compleição assaz robusta em tão grande número deles quasi a mesma para todos. São minazes no semblante, ferozes no olhar e de cabelos pretos (Barléu 260) ... Andam nus e imundos, e logram aquele desenvolvimento do corpos e dos membros que os holandeses admiram. As mulheres, por um sentimento de pudor, cobrem as partes com um cinto de folhas, conservando descoberto o resto do corpo. Cada dia poem este cinto novo e fresco. Os homens escondem os órgãos sexuais com tangas feitas de cascas de árvores. São depilados em todas as partes do corpo, ainda mesmo nas sobranças. Só no alto da cabeça deixam crescer uma guedelha mais comprida, não sem ostentação e jactância.

²² PHAF-RHEINBERGER, Ineke: *The 'Air of Liberty'. Narratives of the South Atlantic Past*. Amsterdam & New York: Rodopi, 2008, p. 3-28.

²³ Pedro & Bia Corrêa do Lago deram muitos exemplos no seu catálogo raisonné da obra de *Frans Post: Frans Post (1612-1680). Obra Completa*. LAGO, Bia & Pedro Correa do: *Frans Post (1612-1680). Obra completa*. Recife: Capivari Editora, 2006 p. 272-275, 290. Eles mostraram os Tapuias na chuva da floresta em uma vila (p. 134), em Mauritsstad-Recife (p. 144), e na praia em frente do Forte Ceulen (p. 92, 383), somente para mencionar alguns exemplos.

²⁴ BOOGAERT, Ernst van den. *op. cit.* 2008.